

TESOUROS DA APAE: relato de uma experiência de resgate de memórias

Resumo

O presente artigo relata a experiência do projeto “TESOUROS DA APAE: relato de uma experiência de resgate de memórias”, desenvolvido em 2024 na APAE/CAESP de Anchieta-SC. O projeto teve como objetivo promover o protagonismo e a valorização das trajetórias de vida de pessoas com deficiência, por meio da seleção e exposição de objetos significativos em um museu afetivo aberto ao público. A partir dessa experiência, o objetivo do artigo é relatar a experiência vivenciada durante a realização do projeto, apresentando sua metodologia, bem como os resultados e impactos observados. O estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa descritiva, com observação direta e acompanhamento interdisciplinar. Os resultados evidenciaram avanços em habilidades comunicativas, sociais e afetivas dos assistidos, além de impactos positivos na prática profissional e no fortalecimento dos vínculos institucionais. O projeto também ampliou a visibilidade da instituição e estimulou a construção de uma narrativa coletiva mais inclusiva. Conclui-se que iniciativas baseadas na escuta e no resgate da memória contribuem para a construção da identidade e para a inclusão social das pessoas com deficiência, com potencial de replicação em outras realidades educacionais e assistenciais.

Palavras-chave: protagonismo, APAE, história de vida; inclusão; deficiência intelectual; memória; protagonismo.

1 Introdução

A história de vida é um rico acervo de experiências, sentimentos e conhecimentos que moldam a identidade individual e coletiva. No contexto das pessoas com deficiência, essa narrativa ganha ainda mais relevância, pois permite visibilizar as trajetórias, desafios e conquistas, muitas vezes silenciadas. Levar isso em consideração no trabalho com pessoas com deficiência permite uma aproximação mais humana e inclusiva, possibilitando pensar em ferramentas adaptativas que realmente façam sentido para o indivíduo e promovam maior autonomia e bem estar.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), por meio do Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAESP), desempenha um papel fundamental no apoio pedagógico, assistencial e de saúde a pessoas com deficiência e suas famílias. A instituição APAE/CAESP Padre Martinho Burger, de Anchieta-SC, tem se consolidado como um espaço de acolhimento, cuidado e desenvolvimento integral, voltado a promover autonomia e qualidade de vida de seus assistidos de acordo com suas necessidades individuais. Contudo, diante da diversidade de perfis e necessidades, o

desafio de construir caminhos para a autonomia e inclusão torna-se cada vez mais complexo, exigindo intervenções que respeitem a singularidade de cada sujeito.

Diante desse cenário, o presente artigo apresenta o projeto “TESOUROS DAAPAE” realizado no ano de 2024 na instituição, envolvendo toda a equipe institucional e os assistidos a partir dos 12 anos de idade. A proposta consistiu em incentivar cada participante a selecionar objetos significativos de sua história, compartilhar os relatos com os colegas e, posteriormente, expor esses itens em um museu temporário e aberto ao público por 30 dias.

O objetivo do projeto é valorizar as trajetórias individuais, promover a visibilidade social das pessoas com deficiência e demonstrar a relevância do resgate de memórias como estratégia de fortalecimento dos vínculos socioafetivos e culturais. A iniciativa também buscou estimular habilidades como memória, comunicação e interação social, além de enriquecer e subsidiar as metodologias profissionais. Do mesmo modo buscou-se dar visibilidade ao trabalho desenvolvido na instituição. Já o objetivo deste artigo é relatar a experiência vivenciada durante a realização do projeto, apresentando sua metodologia, bem como os resultados e impactos observados.

Ressalta-se que valorizar a história de vida das pessoas com deficiência é uma ação fundamental, pois essas narrativas frequentemente permanecem invisíveis ou pouco consideradas. No contexto da APAE/CAESP, reconhecer e escutar cada indivíduo em sua singularidade é essencial para promover um trabalho respeitoso e efetivo. O projeto “Tesouros da APAE” surge a partir da necessidade de oferecer protagonismo aos assistidos, possibilitando o resgate de suas memórias afetivas e criando um espaço para que expressem suas histórias, fortalecendo seu sentimento de pertencimento à instituição. Dessa forma, o projeto demonstra como a história de vida pode ser um recurso valioso para o desenvolvimento da autoestima, da autonomia e da inclusão social plena dos assistidos.

2 Desenvolvimento

A proposta desenvolvida consistiu na criação de um museu temporário, intitulado “Tesouros da APAE”, promovendo a valorização da trajetória histórica das pessoas que integram a instituição, por meio de elementos simbólicos. A ação teve como finalidade promover o resgate de memórias afetivas por meio da seleção de objetos significativos, escolhidos tanto pelos assistidos quanto pelos profissionais da APAE/CAESP.

A proposta visava estimular o resgate de memórias significativas, fortalecer a identidade dos participantes e promover espaços de expressão oral, corporal e afetiva.

Os envolvidos foram convidados a escolher objetos pessoais que representassem aspectos marcantes de suas histórias, criando uma narrativa própria e compartilhada com o grupo.

Posteriormente, foi solicitado o consentimento para a exposição dos referidos objetos em formato de um museu aberto ao público por um período de 30 dias, organizado em uma sala da instituição. Esse museu apresentou os objetos escolhidos e os relatos dos participantes, funcionando como um espaço de memória coletiva, reconhecimento e interação com a comunidade.

Participaram do projeto assistidos a partir de 12 anos de idade, com diferentes tipos de deficiência intelectual e múltiplas. Todos os profissionais foram envolvidos, ou seja, equipe pedagógica, da saúde, serviços gerais, motorista, cozinheira, direção e secretaria, pôde contribuir também com seus objetos e histórias. Entre os itens levados pelos participantes estavam fotografias, máquinas fotográficas antigas, medalhas, brinquedos de infância, ferramentas antigas, entre outros objetos, todos carregados de significados afetivos e simbólicos.

Na oportunidade também foram resgatados objetos e fotografias antigas que fizeram parte da história da instituição. Foram expostos álbuns de fotografias onde muitos assistidos puderam se reconhecer em diferentes momentos da sua trajetória Apaeana, além reconhecer e relembrar profissionais que passaram por lá. Alguns equipamentos também foram resgatados, como máquinas fotográficas, aparelho videocassete VHS, as próprias fitas VHS, fitas cassete de cantigas antigas entre outros.

O projeto foi inspirado no tema “Nossa história, quem somos e o que fazemos” definido para a semana nacional da pessoa com deficiência do ano de 2024. Seu desenvolvimento seguiu etapas organizadas: 1) sensibilização dos participantes; 2) escolha dos objetos; 3) construção das narrativas; 4) apresentação ao grupo; 5) montagem do museu. Cada etapa foi acompanhada por profissionais da equipe, garantindo apoio e adaptações conforme as necessidades.

As famílias foram convidadas a colaborar com a seleção dos objetos e a visitar a exposição. A comunidade escolar e local foi envolvida por meio do convite a visitas ao museu, fortalecendo os laços entre a APAE/CAESP e a sociedade e promovendo uma visão mais humanizada e inclusiva da deficiência.

Com relação à metodologia, o presente estudo utilizou uma abordagem qualitativa descritiva para avaliação e compreensão dos resultados. Essa análise se baseou em dados de observação dos assistidos e do grupo no contato direto e interativo da psicóloga que desenvolveu, avaliou e fez a intervenção, desenvolvendo também o papel de pesquisadora.

2.1 Resultados e discussões

Instituições que atuam na área da Educação Especial, como a APAE/CAESP, desempenham um papel fundamental na promoção dos direitos das pessoas com deficiência, oferecendo suporte pedagógico, assistencial e de desenvolvimento integral. Com uma atuação que integra os aspectos educacional, clínico e social, essas entidades têm como missão promover a inclusão e a autonomia dos seus usuários, considerando suas singularidades.

Oferecer aos profissionais um espaço para partilha de suas próprias histórias mostrou-se relevante. O cotidiano nessas instituições exige desses profissionais uma escuta constante e sensível, uma atenção profunda às nuances das narrativas dos assistidos e uma intensa dedicação emocional. Nesse contexto, poder narrar suas próprias vivências e serem também escutados fortalece os vínculos dentro da equipe, promove reflexões sobre a própria prática e contribui para a saúde mental dos trabalhadores. Como destacam Santos e Figueiro (2019), o cuidado com os profissionais que atuam em contextos de alta complexidade emocional é fundamental para garantir a permanência e a qualidade do trabalho.

O trabalho interdisciplinar é um dos pilares da atuação da instituição, reunindo profissionais da psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia, pedagogia, serviço social, entre outros. No entanto, um dos grandes desafios é individualizar o atendimento, respeitando as especificidades de cada assistido em meio a um contexto institucional. Isso exige escuta sensível, flexibilidade e criatividade por parte da equipe.

O uso da história de vida como recurso pedagógico e terapêutico tem ganhado relevância nesse contexto, especialmente ao buscar compreender o sujeito em sua totalidade. Esse recurso permite acessar experiências subjetivas, significados atribuídos ao vivido e formas singulares de elaborar o mundo, favorecendo intervenções mais sensíveis e contextualizadas.

No campo pedagógico, a história de vida se apresenta como um instrumento que aproxima educador e educando, proporcionando a construção de vínculos e a valorização das experiências anteriores como ponto de partida para novas aprendizagens. Já na perspectiva terapêutica, narrar a própria história pode favorecer a elaboração psíquica de vivências, fortalecer a autoestima e possibilitar a ressignificação de experiências dolorosas ou estigmatizadas.

Segundo Josso (2004), o ato de narrar a própria trajetória contribui para a construção de sentido e para o desenvolvimento da consciência de si, possibilitando que

o sujeito se reconheça como autor de sua própria história. Isso é especialmente relevante no trabalho com pessoas com deficiência, cujas narrativas são, muitas vezes, ignoradas ou substituídas por discursos normativos.

Os conceitos de memória, identidade e narrativa são fundamentais para compreender a proposta do projeto “Tesouros da APAE”. A memória é entendida aqui não apenas como um repositório de lembranças, mas como um processo dinâmico e ativo, que envolve seleção, interpretação e atualização das experiências vividas. Halbwachs (1990) destaca que a memória é sempre construída em interação com o outro e com o grupo social, sendo, portanto, coletiva e culturalmente situada.

A identidade, por sua vez, é construída ao longo do tempo, a partir da articulação entre as experiências passadas, o presente vivido e as projeções de futuro. Como afirma Dubar (2005), a identidade é o resultado de um processo relacional e narrativo, em que o sujeito se constrói na e pela linguagem, por meio da interação com os outros e com o meio social.

A narrativa, nesse sentido, é o modo privilegiado pelo qual o sujeito organiza e compartilha sua experiência, conferindo sentido e coerência à multiplicidade de vivências. Ricoeur (1997) sustenta que contar a própria história é uma forma de se apropriar de si mesmo, de constituir-se como sujeito moral e social, o que reforça a potência da narrativa como ferramenta de inclusão, reconhecimento e construção de cidadania.

Dessa forma, a construção subjetiva de uma pessoa está intimamente ligada às suas vivências, às relações que estabelece e às narrativas que produz sobre si mesma. A história de vida, nesse contexto, funciona como um eixo estruturante da identidade e da autoestima, sobretudo quando é reconhecida e legitimada no espaço coletivo.

Para pessoas com deficiência, cujas trajetórias frequentemente são marcadas por experiências de exclusão, preconceito e invisibilidade, o resgate e a valorização da história de vida representam uma forma de resistência e de fortalecimento do eu. Ao reconhecer suas memórias como válidas e dignas de serem compartilhadas, o sujeito pode ressignificar sua posição no mundo e ampliar sua participação social.

Nesse sentido, a proposta do museu desenvolvido na APAE/CAESP de Anchieta-SC não apenas promoveu um espaço de expressão simbólica e emocional, mas também atuou como dispositivo de reconstrução subjetiva e fortalecimento da identidade dos participantes. Por meio da seleção de objetos significativos e da partilha de narrativas pessoais, os assistidos puderam ser protagonistas de suas histórias, reafirmando sua presença e sua singularidade dentro e fora da instituição.

É importante levar em consideração que o reconhecimento da pessoa com deficiência como sujeito de direitos é resultado de um longo percurso histórico e político,

que culminou em importantes avanços legais e conceituais. A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), ratificada pelo Brasil com equivalência constitucional em 2008, marca uma virada paradigmática ao adotar a deficiência como uma questão de direitos humanos e destacar a importância da acessibilidade, da participação social e da eliminação de barreiras atitudinais, arquitetônicas e comunicacionais.

No contexto nacional, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) — Lei n.º 13.146/2015 — reforça o direito à igualdade de oportunidades, à autonomia e à plena participação em todos os espaços sociais, incluindo o ambiente escolar, comunitário, cultural e profissional. Essa legislação traz à tona a necessidade de superar modelos assistencialistas e médicos da deficiência, valorizando a escuta, a singularidade e o protagonismo dos sujeitos.

A partir desses marcos, compreende-se que a inclusão não se restringe à presença física em determinados espaços, mas exige transformações estruturais e simbólicas que permitam às pessoas com deficiência exercerem, de fato, seus direitos, opiniões e desejos. A escuta ativa e a valorização das narrativas individuais tornam-se, assim, práticas essenciais para a construção de ambientes verdadeiramente inclusivos.

A promoção da autonomia e da participação ativa das pessoas com deficiência é um dos pilares fundamentais da inclusão, conforme reconhecido pelos documentos legais e pelas diretrizes de políticas públicas contemporâneas. Contudo, essas dimensões não se desenvolvem de forma espontânea: elas exigem investimento institucional, metodologias adequadas e posturas éticas que reconheçam e fortaleçam o sujeito em sua integralidade.

No projeto “Tesouros da APAE”, essas diretrizes foram traduzidas em práticas concretas. Ao convidar os assistidos a escolherem objetos significativos de suas histórias, expressarem suas memórias e compartilharem suas vivências, o projeto proporcionou uma experiência de autoria e reconhecimento. Cada participante teve a oportunidade de ocupar um lugar de fala, de decisão e de representação, reafirmando sua identidade e singularidade diante dos colegas, da equipe e da comunidade.

Essa participação ativa favoreceu não apenas o fortalecimento da autoestima e da autoimagem dos envolvidos, mas também ampliou os horizontes de convivência e respeito dentro da instituição. Ao se perceberem como sujeitos capazes de narrar, decidir e contribuir com o coletivo, os assistidos vivenciaram experiências de protagonismo muitas vezes inéditas em sua trajetória escolar ou institucional.

3 Considerações finais

O projeto demonstrou que práticas baseadas na escuta, na valorização simbólica e no estímulo à expressão pessoal são eficazes não apenas no campo da aprendizagem e da socialização, mas também na promoção de bem-estar e no reforço das relações afetivas entre profissionais, usuários e comunidade. A construção do museu, portanto, pode ser compreendida como um gesto simbólico e político de reconhecimento da dignidade, da história e da potência criadora de cada pessoa com deficiência.

Os resultados preliminares indicam que as memórias resgatadas revelam um rico universo de experiências e sentimentos, que vão desde as dificuldades enfrentadas até as conquistas alcançadas. Durante o processo observou-se um estímulo significativo em competências como comunicação oral, memória, expressão corporal e socialização. Muitos participantes demonstraram entusiasmo e orgulho ao apresentar seus objetos e relatos. Chamou atenção o fato de que alguns assistidos que habitualmente se expressavam com maior reserva conseguiram manter falas longas e espontâneas ao compartilhar a história de seus objetos escolhidos.

Ao compartilharem seus relatos e ouvirem os dos colegas e profissionais, muitos se identificaram com experiências semelhantes, o que favoreceu a construção de vínculos mais próximos e estimulou o diálogo espontâneo entre os participantes. Essa troca simbólica fortaleceu o sentimento de pertencimento ao grupo e ampliou a percepção de que suas histórias têm valor e merecem ser ouvidas e lembradas.

A experiência também contribuiu para a prática profissional, com maior foco na escuta ativa, no respeito à singularidade e na utilização de metodologias mais afetivas e significativas. Houve grande engajamento por parte da equipe, que também teve a oportunidade de expor seus objetos, favorecendo assim o trabalho em equipe e o fortalecimento do vínculo com os assistidos. Além disso, foi significativo o fato de que os profissionais também se sentiram reconhecidos ao compartilharem suas histórias. Os momentos de fala e partilha permitiram que os profissionais fossem também olhados e escutados além de se aproximarem das histórias de seus colegas. Esse movimento reflexivo colabora também para uma atuação mais empática e atenta às sutilezas do processo educativo e terapêutico.

Foram recebidas visitas espontâneas de familiares e também de uma turma de crianças da escola de ensino regular. O museu e seus objetos também foram divulgados nas redes sociais ampliando a visibilidade da APAE/CAESP e contribuindo para uma compreensão mais sensível e positiva sobre as potencialidades das pessoas com deficiência.

Os achados do projeto indicam não apenas sua relevância institucional, mas também seu potencial de replicação como uma prática inclusiva inovadora, alinhada às diretrizes da educação especial e dos direitos humanos. Este apresenta potencial para

ser replicado nesta e em outras instituições e contextos. Sugere-se sua ampliação para aumentar o tempo de exposição e estimular maior visitação incluindo autoridades municipais e demais setores do município, ampliando ainda mais as oportunidades de expressão, participação e reconhecimento dos assistidos.

Diante do êxito da realização do projeto “Tesouros da APAE”, novas possibilidades vêm sendo pensadas para sua ampliação e continuidade no município de Anchieta-SC. A localização privilegiada da APAE/CAESP, situada em área central, próxima à praça municipal e ao salão paroquial — locais onde frequentemente ocorrem feiras e eventos comunitários — oferece condições favoráveis para a reedição do museu em uma sala dedicada dentro da própria instituição. Com dias e horários específicos de visitação, essa proposta tem potencial para ampliar ainda mais a visibilidade das pessoas com deficiência e fortalecer o vínculo da APAE com a comunidade local. Além disso, a ação poderia ser associada a datas comemorativas do município, como a feira municipal ou eventos temáticos, como exposições de carros antigos, reforçando a relação com a memória, a história e os objetos significativos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 26 ago. 2009. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 10 jun. 2025.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. São Paulo: Edusc, 2005. Disponível em:

https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2018/09/Livrodubar_claude_a_crise_das_identicidades.pdf. Acesso em: 30 mai 2025

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Vértice, 1990.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Tradução de Cristina Costa. São Paulo: Cortez, 2004. Disponível em:

<<https://dirzon.com/file/telegram/livrosgratisdocursodehistoria2/Experie%CC%82ncias%20de%20vida%20e%20formac%CC%A7a%CC%83o%20-%20JOSSO.pdf?utm>>

Acesso em: 27 mai 2025.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como outro**. Tradução de Daniela Kern e Cristina Lafont. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SANTOS, M. A.; FIGUEIRO, A. C. C. **Cuidando de quem cuida: educação em saúde com as práticas integrativas e complementares no cuidado com o trabalhador da saúde**. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v. 28, n. 1, p. 194-211, 2019.

Disponível em:

<https://www.academia.edu/113338955/Cuidando_De_Quem_Cuida_Educa%C3%A7%C3%A3o_Em_Sa%C3%BAde_Com_as_Pr%C3%A1ticas_Integrativas_e_Complementares_No_Cuidado_Com_O_Trabalhador_Da_Sa%C3%BAde>. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Vértice, 1990. Acesso em 13 jun 2025

ANEXOS:

Em anexo algumas fotografias que representam o projeto.



Figura 1: Parte do Museu "Tesouros da APAE".



Figura 2: Professora Vera Shmidt Junges e sua máquina de costura herdada da avó, e representando uma das primeiras atividades laborais da atual professora.



Figura 3: Pote de lata que permanece na família da assistida Albina Meneghini a muitos anos.



Figura 4 Máquina fotográfica utilizada para registrar momentos importantes da história da assistida Marlete Fatima Silvan.



Figura 5 Planadeira, furadeira e lampião utilizados pelos irmãos Orly João Pinotti e Zultir Ernesto Pinotti e sua família.



Figura 6 Demonstração de funcionamento de moedora de carne manual utilizada pela família do assistido Jheizo Franchesco Heberle.



Figura 7: Visita dos alunos 2º ano da escola municipal acompanhada pelos assistidos Apeaos.



Figura 8: Caixa de música de propriedade da diretora Ione Teresinha Presotto.